

Saúde e Mídia na Modernidade Líquida: para pensar os desafios da Educação Física escolar

Angelica Caetano

LABOMIDIA/UFSC – Florianópolis, SC, Brasil, UFSC, E-mail: angelica.caetano2011@gmail.com.

Recebido em 09 04 2013, Aceito para publicação em 25 04 2013, Disponível online dia 06 05 2013.

Resumo

Viver com saúde (ou aparentar ser saudável) é hoje, mais do que nunca, uma preocupação que perpassa todos os segmentos da sociedade, inclusive os interesses de órgãos públicos e privados. Esta preocupação atravessa diferentes faixas etárias, classes sociais e gêneros e se apóia cada vez mais nos meios de comunicação de massa como principal conselheiro moderno. A Educação Física precisa se atentar e problematizar os discursos que envolvem essa temática em prol de uma formação crítica. Este ensaio tem como objetivo discursar sobre a relação saúde e ciência, contextualizando o desenrolar desta crença para os meios de comunicação na contemporaneidade, apoiando-se nas anotações do sociólogo Bauman.

Palavras-chave: Saúde, Ciência, Mídia, Modernidade líquida, Educação Física.

Abstract

Living with health (or appear to be healthy) is today more than ever, a concern that cuts across all segments of society, including the interests of public and private agencies. This concern across different age groups, social classes and genders and relies increasingly on mass media as principal adviser modern. Physical Education needs to be alert and problematize the discourses surrounding this theme in favor of a critical formation. This essay aims to discuss about the relationship between health and science, contextualizing the course of this belief to the media in contemporary society, relying on notes of the sociologist Bauman.

Keywords: Health, Science, Media, Liquid Modernity, Physical Education.

Introdução

A cada dia, corpo, saúde e atividade física estão se tornando temas frequentes nos meios de comunicação de massa, sobretudo em revistas de estética, televisão e internet. Não preciso ir longe para tranquilamente afirmar isso, pois recentemente, quando da escolha de uma revista em um aeroporto, das cinco possibilidades que um atendente disse que eu poderia escolher, quatro eram relacionadas à saúde,

especificamente com referência a exercícios para emagrecimento, cuidados estéticos que se apresentam como sinônimo de saúde e alimentação¹.

Em nosso cotidiano, é uma verdade quase inquestionável que a atividade física faz bem à saúde. Esse elo propõe uma afinidade indissociável, que percebida como verdade absoluta e inquestionável, se alastra pela esfera pública e privada, persuadindo indivíduos quanto à necessidade (mais do que importância) em executar esse dever. Como comentam Alves e Carvalho¹:

Olhar ao redor e perceber as armadilhas que o discurso da atividade física e saúde prepara pode ser um exercício interessante para a reflexão: "Deve-se fazer atividade física para se ter saúde". Quais os pressupostos que fundamentam e justificam o uso do verbo dever? Trata-se de uma mensagem que agrega - imperativos morais, éticos e estéticos que ditam padrões a serem preconizados pelos interlocutores.

Entretanto, se acreditamos que a atividade física faz bem à saúde e se desejamos conservá-la (a saúde), deveríamos então nos dedicar à sua prática. Esse dever dessa junção entre crença e desejo ocorreria de forma simples como é posta a relação simples e linear entre atividade-física e saúde, mas, sabemos que não é assim, vistos nos percentuais almejados e que não são atingidos, daí a necessidade de discursos que insistam sobre a criação de hábitos de adesão, pois o hábito destina-se a reduzir ou fixar a volatilidade do desejo, de forma a administrá-lo.

Uma das formas de expandir essa célebre conquista é através de programas que incentivem a atividade física na promoção de saúde. Os programas de promoção da saúde objetivam mudanças de comportamentos, através da disponibilização de conhecimentos e informações (no sentido da evidência científica) pela via da razão, como eixo para atingir a subjetividade humana. As variadas opções promovem na modernidade uma liberdade de escolha que caminha em conjunto com o processo de individualização nesta escolha, e assim, as pessoas, independente de seus contextos sócio-econômicos e culturais e, portanto, da margem de escolha em seus modos de vida, teriam a responsabilidade de se exercitarem para viverem mais tempo, da maneira como puderem.

De acordo com Renaud e Sotelo² a comunicação “constitui um potente motor de promoção da saúde” (p. 216), que é preferencialmente feita através da prevenção. Desta forma, para os autores, “a promoção da saúde compreende o desenvolvimento e difusão de mensagens persuasivas dirigidas a públicos segmentados, com vista a influenciar percepções, atitudes e comportamentos”. Entretanto, na modernidade líquida, termo emprestado de Bauman³ e melhor detalhado posteriormente, o discurso da saúde tem cada vez mais se encaixado como um bem de consumo ou como um produto, cujo

¹ Esse exemplo, ainda que corriqueiro, é um exercício do olhar sociológico, pois se apresenta como onipresente na atualidade e deve ser olhado com relação aos usos coletivos.

objetivo principal é ser vendido e consumido, assim como qualquer outro produto exposto ao uso pela Indústria Cultural^{II}.

Neste sentido, os meios de comunicação praticamente afastam-se dos verdadeiros problemas inerentes à saúde da população, sendo a participação dos *media* na promoção da saúde muitas vezes direcionada a discursos simplistas, mercadológicos, reduzidos a uma linguagem quase que banalizada, além da tendência dos *media* de transformar as notícias sobre saúde em espetáculo. Como afirmam Tomé e Lopes⁴, quando o tema é a saúde, muitos jornalistas tendem a produzir manchetes espetaculares, prometendo tratamentos milagrosos e levando a um consumo inconsequente de determinados produtos em busca da saúde. Ainda, quando dão a conhecer um tema, fazem-no através de uma *overdose* noticiosa, esquecendo-se por vezes de um dia para o outro.

Neste esforço para contribuir e refletir sobre os discursos contemporâneos a respeito de corpo e saúde, pretendo, neste ensaio, focar minhas considerações sobre a relação da saúde e ciência, contextualizando o desenrolar desta crença para os meios de comunicação na contemporaneidade. Nessa caminhada, pretendo levar como guia as anotações (discussões) elaboradas por Bauman.

Como diria Vasconcellos-Silva⁵, ao iniciar um ensaio, “Problematizar é o efeito de um olhar distanciado, que observa eventos banais com o desprendimento essencial à desnaturalização” (p. 1250). Assim, ciente que tal processo ou tentativa é um tanto trabalhoso, pretendo por fim problematizar tais discursos nesta era moderna.

No decorrer dessa caminhada, outros autores expressivos da atualidade que também se aventuraram nesta temática, produziram um discurso que avança no entendimento simplista de corpo e saúde, o que me permitiu compreender e vislumbrar um pouco mais o ponto que hoje delinheio.

O mundo moderno sólido... e o discurso da saúde

Bauman³ analisou a modernidade utilizando-se de duas metáforas. A modernidade que ele chamou de sólida e a modernidade líquida (contemporânea). Sob a visão econômica, ele caracteriza a primeira como a sociedade da produção (sob a égide da ética do trabalho) e a atual, modernidade líquida, como a sociedade dos consumidores. Conforme adverte Bauman⁶: “[...] A maneira como a sociedade atual

^{II} Este conceito, criado pelos filósofos alemães Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, em 1947, refere-se à difusão de uma cultura de subserviência, ou seja, para além de um conceito, de forma sintética, é um processo em que tudo que é produzido culturalmente é ofertado como mercadoria, mas não uma mercadoria qualquer, e sim com determinado valor simbólico, produzida em grande escala (serialização), com baixo custo e de forma padronizada (standardizada).

molda seus membros é ditada primeiro e acima de tudo pelo dever de desempenhar o papel de consumidor [...]” (p.88).

De acordo com Almeida, Gomes e Bracht⁷, a sociedade moderna (ou um projeto de modernidade) se caracterizou por um trabalho de “destruição criativa” ou “criatividade destrutiva” no sentido de limpar o lugar em nome do novo e do melhor, solapando tradições e profanando o sagrado com vistas a moldar o novo espaço conforme suas ambições.

Tendo como referência Bauman, os autores acima comentam que para facilitar uma nova ordem ao mundo visto como “desordenado”, a união perfeita entre o poder estatal e um discurso intelectual, representado pelos *legisladores* ou intelectuais, permitiu que a razão científica fosse convocada para legitimar uma sociedade governada pela razão. De acordo com os autores, o papel dos *legisladores*:

[...] Consiste em fazer afirmações de autoridade que arbitram em controvérsias de opiniões e escolhas que, após selecionadas, passam a ser corretas. (Bauman, 1997). Como são dotados de um conhecimento superior e mais objetivo, os postulados se destinam aos outros (ao povo, ao cidadão) vêm na forma heterônoma da lei ou da norma moral (p. 20).

Os intelectuais legisladores planejavam, racionalmente, como forjar, para e pelas ações estatais, uma sociedade equilibrada e ordeira. Ambos se uniram para ditar à “pessoa comum” o que seria uma vida correta e razoável. A solidez (modernidade sólida) representava a ideia de estabilidade proporcionada pelas instituições sociais, que indicavam as condutas a serem seguidas e que permitiam a manutenção das rotinas. Bauman⁶ ainda comenta que enquanto os poderes modernos (Estado-Nação) mantiveram a ambição, guiados pela razão, de universalizar um determinado projeto de vida, ordenado, os intelectuais tiveram pouquíssima dificuldade em concretizar suas também ambições em conjunto, pois consideraram seu ofício (a promoção de uma racionalidade universalmente válida) um veículo importante e uma forma propulsora do progresso, além de contarem com o apoio estatal à sua autoridade de julgar o verdadeiro do falso.

Utilizando os termos de Bauman, os legisladores estavam dispostos a construir uma sociedade ordenada em conjunto com o Estado-Nação, de maneira que os primeiros sustentariam o modelo e práticas necessárias à implementação de um ‘mundo ordenado’, constituindo esforços fundamentais para a invenção da engenharia social que faria da ordem sua suprema preocupação.

Gomes⁸ comenta que o mundo moderno propiciou combates e defesas sobre os corpos individuais, bem como do corpo nacional e vários foram os fatores que contribuíram para essa preocupação moderna que começa a se instaurar a partir do século XVII. Um destes fatores refere-se à descoberta da circulação sanguínea feita por William Harvey nos idos de 1600. Tal descoberta propiciou um rompimento com ideias

religiosas que entendiam o corpo apenas como uma forma de provação para se alcançar o paraíso através de uma alma purificada.

O saber médico, enquanto também legislador, teve pouca dificuldade em formular sua própria pretensão (a universalidade era seu domínio e seu campo de especialização). Assim, tiveram papel fundamental na construção de uma sociedade limpa, saudável e legitimadora do conhecimento racional/científico. Além disso, os legisladores do saber sobre a saúde realizaram com especialidade a divisão entre normal ou anormal, entre doença e saúde, a partir de seus crescentes estudos sobre a ciência médica. Nesse sentido, em acordo com Gomes⁸:

[...] as formas de constituição do indivíduo saudável na solidez moderna estavam baseadas na atuação estatal como elemento imprescindível das intervenções avalizadas cientificamente na formação de um corpo produtivo (p. 82)

Esse projeto de sociedade trazia consigo um modelo de ciência, qual seja, da ciência positivista, que opera com a previsibilidade absoluta dos fenômenos naturais, desconhecendo o acaso nas produções da ciência. Assim, o modelo de racionalidade que prevalece segue os ditames da ciência moderna.

No processo de constituição do conhecimento médico científico, seus procedimentos metodológicos se adaptaram aos preceitos da matemática, ou seja, uma ciência que propicia a quantificação, a garantia da objetividade para se chegar à verdade científica. É nesta mesma perspectiva que a anatomia desmembra o corpo humano, tomando-o como um conjunto de peças (órgãos), para estudá-las melhor e explicar o todo como a soma destas partes⁹.

Essa visão de progresso ‘científico’ no âmbito da medicina pode ser reconhecida, por exemplo, quando fazem referência aos alicerces da ‘higiene’ moderna, estabelecidos por Pasteur, e os comparam a explicações metafísicas em prol da comprovação experimental. Trata-se da idéia de que o presente é melhor e superior, se comparado ao passado, e o futuro será melhor e superior, se comparado ao presente.

Antunes¹⁰ também comenta que o conjunto constituído pela medicina e higiene é um saber-poder que incide, ao mesmo tempo, sobre o corpo e sobre a população, sobre o organismo e os processos biológicos, tendo, portanto, efeitos disciplinares e normalizadores. Com a modernidade, para a autora supracitada:

[...] Isso ocorre, na medida em que atua sobre o corpo na forma de medições estatísticas, testes e avaliações e estabelecimento de padrões e formas corporais; na fixação de regras rígidas preventivas a serem seguidas para que se obtenha saúde e bem-estar. Este discurso também se apóia na cientificidade para se legitimar (p. 67).

Mendes e Nóbrega¹¹, a partir de uma pesquisa publicada no periódico da década de 80 do século XIX chamado de *Brazil-Médico*, enfatiza que tal periódico desprezava a

verdade conhecida por meio de explicações místicas ou metafísicas e que a luta entre a religião e a ciência patenteava-se no parecer emitido pela Comissão de Instrução e Saúde Pública, relatando a dificuldade de aceitação da vacinação e revacinação no país. Ainda, aos que não aceitavam as explicações científicas, eram rotulados de retrógrados e incoerentes, ou seja, desordenados e anormais.

Assim sendo, ao adotar a saúde a partir de uma visão reducionista, esta poderia ser tomada, *a priori*, como consequência de efeitos biológicos (mensuráveis quantitativamente e passíveis de serem comprovados) produzidos pela prática regular de atividade física, por exemplo. Entretanto, essa interpretação linear adota um olhar restrito, pois desconsidera questões que não podem ser dissociadas do cotidiano das pessoas e que estão diretamente vinculadas à promoção de saúde para a sociedade, tais como a distribuição desigual de renda populacional, condições sanitárias básicas, nível de desemprego, condições de moradia e outros. Bauman¹² comenta que países com uma distribuição relativamente equitativa da renda apresentam menos ‘problemas sociais’ e uma população com melhor bem-estar considerando a saúde geral e também mental da população, mesmo que apresentem pouco investimento na saúde como os países industrializados e com uma divisão menos igualitária de renda e de riqueza social.

Os tempos contemporâneos... e a preocupação com o corpo e a saúde

A sociedade passou (e continua passando) por algumas mudanças, especificamente na transição para o século XXI. Sai de cena o indivíduo produtivo e entra em seu lugar o colecionador de sensações. Como afirma Bauman³, a sociedade que antes adquiria virtudes pela sua capacidade produtiva e pela sua inserção no mundo do trabalho estável ou *sólido*, se direciona para o consumo e não mais para a produção. Para as pessoas do mundo moderno líquido o que importa é o que se pode fazer, não o que deve ser feito ou o que foi feito.

O sociólogo Bauman destaca o novo aspecto da condição moderna, desta vez baseado na metáfora da *liquidez*. Almeida, Gomes e Bracht⁷ argumentam:

[...] A atual ausência das tradicionais referências balizadoras do comportamento humano, aliada à inflação de referenciais disponibilizados para o consumo, implica na diminuição das expectativas e no recuo das sólidas estratégias de longo prazo. Viver o presente, e não mais a construção da estrada para um novo mundo (ordenado), é um dos efeitos inesperados da liquidez contemporânea (p. 33).

Desta forma, o consumo transforma-se num ato unicamente individual de satisfação de necessidades conforme o poder aquisitivo de cada um. Aliados ao

consumo são disponibilizadas para todos diversas opções, escolhas mercantis que são a cada dia renovadas e ao mesmo tempo, ressaltam o alerta de que uma escolha errada será de única responsabilidade do indivíduo. Como comenta Bauman³, se ficam obesos, supõe-se que foi porque não foram suficientemente decididos para seguir seus tratamentos; se ficam desempregados, foi porque não aprenderam a passar por uma entrevista, ou porque não se esforçaram o suficiente para encontrar trabalho ou porque são, pura e simplesmente, avessos ao trabalho.

Como afirma Gomes⁸, os conselhos antes direcionados pelo Estado e pelos legisladores tornam-se radicalizados e na companhia de diferentes conselheiros. Uma característica da modernidade líquida é a presença da privatização da ambivalência que em palavras simples refere-se ao recuo ou a relativa presença do Estado-Nação na ordenação e “limpeza” da sociedade, restando ao indivíduo uma liberdade extremista nas suas decisões e escolhas, que geralmente se apóiam no âmbito privado. Vale a pena ressaltar que não é a questão da liberdade que julgamos aqui, mas a relativa responsabilidade do Estado com a sociedade, favorecendo a inflação de opções privadas para o indivíduo consumir/enfrentar por si só. Ademais, essa liberdade é acompanhada pelo sentimento de insegurança, que antes o Estado forneceria, pois se a escolha for errada, a responsabilização é de quem escolheu. Como realçam diversos livros de autoajuda: “se preocupe somente com os seus problemas, pois eles já são demasiados. O problema dos ‘outros’ é um fardo que nem você nem o Estado devem carregar!”

Em outras palavras, o recuo do Estado e a perda dos tradicionais referenciais da modernidade sólida abriram espaço para uma infinidade de opções no mercado para a sociedade do consumo e autoridades sobre os mais variados assuntos, sendo estes, geralmente, direcionados para/na esfera privada; característica essa marcada pela presença de conselheiros modernos, que agora acompanham e compartilham do discurso dos legisladores ou intelectuais.

Gomes⁸ trabalhou em sua tese com as propostas para um indivíduo saudável fornecidas por conselheiros midiáticos e acadêmicos, respectivamente as propostas do Caderno *Equilíbrio* do jornal Folha de São Paulo e dissertações do NuPAF (Núcleo de Pesquisa em Atividade Física e Saúde) do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UFSC. O autor percebeu uma semelhança entre as duas propostas, sendo ambas baseadas em um ideal de felicidade caracterizado pela ponderação dos excessos da modernidade, de uma atitude individualista em relação à responsabilidade da própria saúde e amparadas em especialistas.

Gomes⁸ ressalta que as ações que decorrem dessas escolhas individuais articuladas ao processo de responsabilização individual e mediadas pelo que autor chama de “conselheiros modernos” (que aconselham a melhor maneira de ser e seguir), estão articuladas ao que ele denomina de “pedagogização do social”. “Esta coloca à disposição dos consumidores formas de *dever ser* que implicam tanto em estratégias individuais quanto em estratégias de controle”⁸ (p. 6). E os conselheiros, como tudo o mais na sociedade de consumo, atuam não *somente* com mecanismos de repressão, mas

de sedução. “Não há sanções contra os que saem da linha e se recusam a prestar atenção – a não ser o horror de perder uma experiência que os outros (tantos outros!) prezam e desfrutam” (BAUMAN, 2003, p. 63)^{III}.

Caetano¹³ na mesma linha de pensamento em sua dissertação descreve um vídeo produzido pelos alunos-sujeitos de sua pesquisa, em que, em forma de teatro e filmado, aparecem a figura de um médico, de uma professora de Educação Física e de uma aluna representando uma criança com o quadro de bulimia; todos realizando uma cena. Durante esta, percebe-se que os conselhos do professor de Educação Física se remetem às verdades do médico (legislador/intelectual/representante do saber científico de cunho anátomo-fisiológico) e coadunam com os conselhos dos meios de comunicação de massa. Aparenta-se que a criança só deve seguir o conselho do professor de Educação Física porque a figura do médico apresenta-se legitimando ou aprovando o discurso do professor de Educação Física. Este último atua assim, na linguagem baumaniana, como um conselheiro, legitimando o discurso do legislador.

O aumento propiciado pela expansão de especialistas e conselheiros potencializa, ao invés de minar, a sensação de segurança, como comentado anteriormente. A ambivalência proveniente dos diferentes conselhos deve ser solucionada privativamente pelos sujeitos, “vinculando as preocupações no cultivo de estilos de vida individualizados”⁸ (p. 43).

Dessa forma, na Educação Física, por meio da mídia ou até mesmo do discurso dos professores de Educação Física, não surpreende que os conselhos e as preocupações relacionadas ao corpo e à saúde tenham praticamente atingido o auge nos tempos atuais.

Como comenta Palma *et al*¹⁴, o imperativo do cuidado de si à moda contemporânea é exemplificado, por exemplo, como a necessidade em ser magro ou fisicamente ativo, podendo conduzir a um consumo exacerbado de produtos de “saúde” e *fitness*. Isto enseja um mercado da saúde ou uma moralidade da saúde, para os quais o corpo é um objeto metamorfoseável, a fim de se adequar à lógica supracitada. O cuidar de si em níveis quase que moleculares (controle obsessivo de todas as taxas corporais) torna-o como algo persecutório, e não propriamente benfazejo.

A pesquisa de Carreira-Filho *apud* Castiel¹⁵, realizada com adolescentes de escolas públicas e privada do Estado de São Paulo, demonstra dados interessantes:

- 60% se dedicam a modelagens corporais com vistas ao emagrecimento (76% mulheres, 44% homens);
- 80% desconhecem os riscos de medicamentos ingeridos para tal fim;
- 94% desconhecem os riscos da utilização de outras práticas modeladoras (cirurgias, por exemplo).

Se antes os professores com seus conhecimentos detinham o conhecimento e eram os responsáveis pela sua transmissão, agora compartilham o mesmo espaço (ou

^{III} *apud* Almeida; Gomes e Bracht⁷.

quase – considerando também o virtual) com os conselhos provenientes dos meios de comunicação ou de outros dispositivos que adiante veremos. De forma enfática, tal argumento propicia o entendimento que atualmente, o que determinada atriz ou ator, modelo ou atleta diz sobre seu corpo ou sobre uma prática a ser seguida, pode ser tão ou mais valorizado pelos alunos do que o ensinamento de um professor de Educação Física sobre o mesmo tema.

Dessa forma, os discursos e estratégias “saudáveis” inflam os modos de vida e relações cotidianas, exercendo pressão ainda maior sobre os indivíduos contemporâneos. Persuadir ou aconselhar então para a prática de atividade física e para a busca pela beleza jovial são conselhos que incansavelmente estão disponibilizados nas *prateleiras* dos meios de comunicação de massa. A busca pela felicidade e longevidade é potencializada pelos tantos especialistas e conselheiros modernos na luta cotidiana pelo corpo apto e saudável.

A melhor forma de colocar esses preceitos para toda a sociedade é promovendo alianças com os meios de comunicação de massa, por meio de discursos (e por que não conselhos?) que buscam o convencimento, de preferência, adequando o vocabulário científico a um linguajar midiático, e de preferência, acessível a todas as classes sociais.

Como Palma *et al*¹⁴ afirmam, muitos dos discursos ou conselhos produzidos sobre saúde, sejam em periódicos científicos ou na mídia, podem estar carecendo de cientificidade e muitas composições conceituais são feitas de modo arbitrário. Os autores exemplificam:

Matsudo (2005) insinua que há uma epidemia do sedentarismo. Contudo, considerando que "epidemia é a concentração de casos de uma mesma doença em determinado local e época, claramente em excesso ao que seria teoricamente esperado" (PEREIRA, 1995, p. 258), é preciso destacar quais as concentrações esperadas e as atuais. Em outras palavras, qual quantidade de "sedentários" existe em determinado local? Quanto esta quantidade ultrapassou os limites aceitáveis? Lendo o artigo analisado, percebe-se que o termo epidemia é empregado sem condizer com esse entendimento científico. (p. 100)

Como uma questão social, moral e de seguridade, a ideologia da saúde passa a ocupar "as primeiras páginas" das mídias de massa mais relevantes do país, como jornais, revistas, internet, televisão, etc.

Bauman¹² também comenta que a busca pelo rejuvenescimento, aliada ao avanço das tecnologias, tem se apresentado como uma especialidade na modernidade líquida, nunca antes se recusou tanto o envelhecimento, e nunca antes apareceram tantas academias e aparatos tecnológicos para venderem uma beleza jovial. Vejamos, por exemplo, o aumento crescente de academias no Brasil. Filho, Moura e Antunes¹⁶ relatam que não existem ainda dados estatísticos precisos sobre o número de academias de ginástica, mas estima-se 7.000 academias em todo o Brasil. Admitindo uma média de 400 clientes por unidade, estima-se um total de 2,8 milhões de pessoas frequentando

academias. A probabilidade de se tornar um corpo inapto e indesejável socialmente amplia as inseguranças e os medos.

Antunes¹⁰ ao pesquisar sobre o envelhecimento em dissertações e teses que faziam referência ao trato com o corpo percebeu que, majoritariamente, o envelhecimento é visto como consequência de diversas alterações fisiológicas no organismo, em que acontece um declínio de muitas funções e surgem doenças. A autora conclui que este tipo de entendimento, presentes nos trabalhos pesquisados, denota uma ideia de longevidade como sinônimo de período marcado por doenças e uma visão biológica do ser, de uma concepção mecanicista que trata o conjunto de estruturas (ossos, músculos, órgãos) que compõem sistemas (digestório, circulatório etc.) animados por substâncias (sangue, hormônios) que, por meio de um funcionamento regular, fazem a vida acontecer. De certa forma, renunciam a relação do envelhecimento com a experiência do viver e denota uma perspectiva de corpo desligado da totalidade, independente da natureza, auto-suficiente.

Assim, podemos refletir sobre essa compreensão do conhecimento do corpo e saúde na contemporaneidade, que tem os meios de comunicação de massa como principal *conselheiro* de tal premissa.

Considerações finais

Trazendo de volta as indagações feitas na introdução deste ensaio, podemos refletir que, ao contextualizarmos o momento histórico em que nos encontramos, citando Bauman³ ao fazer referência à modernidade líquida, as informações veiculadas pela mídia estão cada vez mais fragmentadas, acompanhando a descartabilidade presente nas relações humanas e direcionadas para o consumo.

Gomes⁸ nos apresenta que os conselhos midiáticos observados em sua pesquisa fornecem modos de viver bem, como: propostas para ações individuais na qual a própria escolha é fundamental para a felicidade; diferentes saberes sobre o que é corpo saudável; soluções para os indivíduos enfrentarem seus problemas, e grande parte das soluções direcionadas ao âmbito privado e ao consumo.

Se antes, o conhecimento sobre saúde apoiado na ciência médica garantia clareza em relação ao entendimento de assuntos relacionados de interesse, parece que a mídia, atualmente, tem contribuído para a transformação cada vez mais veloz do conhecimento em informação, permitindo que a notícia seja de caráter *express* e direcionada para sujeitos consumidores.

A sociedade hoje em dia, diante deste excesso de informações e opções, encontra-se em uma difícil tarefa, qual seja: saber de maneira autônoma criar mecanismos de filtragem deste excesso, em busca de uma formação cultural crítica.

Algumas tentativas têm sido realizadas em pesquisas de pós-graduação em Educação Física, apropriando-se do conceito de mídia-educação, difundido no Brasil por Beloni¹⁷ e Fantin¹⁸ inicialmente. O que esta última autora propõe é:

Educar para as mídias nesta perspectiva implica a adoção de uma postura ‘crítica e criadora’ de capacidades comunicativas, expressivas e relacionais para avaliar ética e esteticamente o que está sendo oferecido pelas mídias, para interagir significativamente com suas produções e para produzir mídia também (p. 31).

A dissertação¹³ que originou este ensaio também investiu em uma proposta de intervenção na escola com mídia-educação e realizou-se como mais uma dentre alguns esforços concretizados no âmbito da pós-graduação, buscando uma formação cultural mais crítica que permita (ou busque permitir) um olhar diferenciado sobre o que é e tem sido veiculado pelos meios de comunicação de massa.

Referências

- (1) Alves F.; Carvalho, YM. Práticas corporais e grande saúde: um encontro possível. *Movimento*. Porto Alegre, v. 16, n. 4, p. 229-244, 2010.
- (2) Renaud L.; Sotelo C. Comunicación y Salud: Paradgmas Convergentes. *Observatorio Journal*, 2. p. 215-226, 2007.
- (3) Bauman Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- (4) Tomé B; Lopes F. Quem fala do quê nas Notícias de Saúde do *Público* em 2009: uma análise crítica. *Estudos em Jornalismo e Mídia*. v. 9, n. 2, p. 326 – 339, 2012.
- (5) Vasconcellos-Silva, PR. As ciências da vida: de Canguilhem a Foucault. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 6, Junho, 2011.
- (6) Bauman Z. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- (7) Almeida FQ; Gomes IM; Bracht V. *Bauman e a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- (8) Gomes, IM. *Conselheiros Modernos: propostas para a educação do indivíduo saudável*. 2008. 231f. Tese de doutorado – PPGICH/UFSC, Florianópolis, 2008.

- (9) Fensterseifer PE. A Educação Física na crise da modernidade. 1999. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação / UNICAMP, Campinas, 1999.
- (10) Antunes PC. Corpo, saúde e práticas corporais: uma análise da produção científica do campo de educação física acerca das pessoas na meia-idade. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Florianópolis: UFSC, 2010.
- (11) Mendes MIBS; Nóbrega TP. O *Brazil-Medico* e as contribuições do pensamento médico-higienista para as bases científicas da educação física brasileira. História, Ciências, Saúde, Manguinhos, RJ, v.15, n.1, p.209-219, 2008.
- (12) Bauman Z. 44 Cartas do Mundo Líquido Moderno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.
- (13) Caetano A. O Discurso sobre saúde na mídia: limites e possibilidades de tematização na Educação Física escolar. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Florianópolis: PPGEF/UFSC, 2011.
- (14) Palma A; Assis M; Vilaça M; Almeida MN. Os "pesos" de ser obeso: traços fascistas no ideário de saúde contemporâneo Movimento. Porto Alegre, v. 18, n. 4, p. 99-119, 2012.
- (15) Castiel LD. Identidades sob risco ou risco como identidade? A saúde dos jovens e a vida contemporânea. Interthesis – Revista Internacional Interdisciplinar. Florianópolis, v.4, n.2, p. 02-16, 2007.
- (16) Filho JCMG; Moura DL; Antunes MM. Quando a beleza põe mesa: uma análise das condições de trabalho do profissional de educação física em mega-academias. Motrivivência, Ano XXIII, Nº 36, p. 197-213, junho, 2011.
- (17) Belloni ML. O que é mídia-educação. Polêmicas do nosso tempo. 2 ed. Campinas: Autores Associados, 2005.
- (18) Fantin M. Mídia-educação: conceitos, experiências e diálogos Brasil-Itália. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.